

a partir do método histórico-crítico e os pentecostais tendem a rejeitar esse tipo de approach.

A doutrina da inerrância das escrituras está tão impregnada no coração do pentecostal que qualquer tipo de consideração que possa minar sua crença na Bíblia é imediatamente descartada. A doutrina da inspiração verbal (que afirma que nem tudo o que está na Bíblia é necessariamente a Palavra de Deus, mas que foi divinamente orientado a estar lá) parece ser o máximo de concessão que se faz.

2. Geralmente, procuram-se os pentecostais para um diálogo em que serão usadas as ferramentas de análise científicas, lógicas e exatas. Essa metodologia é muito desconhecida dos pentecostais que lêem as Escrituras subjetiva, alegórica e sobrenaturalmente. "Se está escrito, e Deus aqueceu meu coração, quem é você para questionar", seria a expressão que se ouviria de um pentecostal sendo confrontado naquilo que crê.

3. Os pentecostais usam muito da tradição oral, do patriarcalismo, da experiência pessoal e da narrativa como formas de estabelecer sua teologia. A tradição católica e protestante liberal tende a buscar um rigor científico, uma formulação teológica exata e sente-se pouco à vontade no que tange sua experiência pessoal.

4. Os pentecostais enfatizam muito a ação do Espírito Santo na vida individual, experimentá-lo é

redentor, compartilhá-lo é desafiador. Já os católicos e protestantes enfatizam mais os sacramentos e o Espírito Santo numa dimensão mais trinitária.

5. O pentecostal busca um rigor ético pessoal e teria dificuldade de dialogar com pessoas que não buscam esse rigor. Já os católicos e os protestantes históricos tendem a buscar um rigor ético social e tendem a não aceitar aqueles que se concretam apenas na dimensão pessoal.

### Conclusão

Há dificuldade, há preconceito e há muitas barreiras a serem transpostas. Há necessidade de não se apressar o processo. Não se deve esperar que depois de tantos anos de negligência e afastamento, a unidade seja possível. Somente depois de décadas de diálogo, perdão mútuo e muito exercício da paciência veremos a graça de Deus manifestando o sentido de cumprir o desejo de Jesus de haver um só rebanho e um só pastor. Urge, portanto, começar hoje. *Soli Deo Gloriae.*

Rev. Ricardo Gondim Rodrigues é formado em Adm. de Empresas e atualmente é Pastor da Igreja Betesda em São Paulo. End.: Av. dos Imarés, 64 04085-000 São Paulo - SP

## BASES DO DIÁLOGO: PARA QUE TODOS CREIAM

Rev. José Bittencourt Filho

### PRÓLOGO

Indubitavelmente tivemos o privilégio de participar de um acontecimento histórico. Por sinal, devo, a bem da verdade, agradecer ao Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC) pela oportunidade. Um momento no qual as Igrejas históricas e ecumênicas deram um passo na aproximação com o pentecostalismo no fito de entabular um diálogo fraterno e permanente. Embora isso represente, nas atuais circunstâncias, um desafio monumental, o seu enfrentamento só pode principiar por meio de tentativas modestas e prudentes.

Na ocasião, tínhamos apenas a tarefa de reagir às proposições do pastor Ricardo Gondim, sistematizadas por ele no texto anterior ("Compreendendo o Universo Pentecostal e Estabelecendo Bases para o Diálogo"), assim sendo, não redigimos a priori nenhum texto, apenas algumas notas e alguns destaques a título de comunicação, à luz das análises do fenômeno pentecostal que circulam no âmbito ecumênico.

Evidentemente, as ilustrações, exemplos e observações expressas de improviso no calor da hora se desvanecem num texto escrito.

Entretanto, tentaremos aqui, sem pretensões acadêmicas, organizar e condensar as idéias e conteúdos que formulamos naquele momento envoltos por um clima de acolhimento e fraternidade.

Primeiramente, é oportuno sublinhar o nível de desinformação vigente no plano das Igrejas históricas quanto às Igrejas evangélicas em geral, e aos pentecostalismos em particular.

Tal desinformação não se restringe aos aspectos doutrinários e litúrgicos, mas comporta também outros de igual relevância, tais como as distinções entre as famílias denominacionais, suas histórias respectivas, distribuição geográfica, composição social, e correlatos. A causa primeira desse desconhecimento prende-se à condição (supostamente) majoritária e culturalmente hegemônica da Igreja romano-católica no Brasil. O usufruto dessa condição não deixava espaço para um membro em direção a uma melhor compreensão de denominacionalismo protestante nacional. Essa tarefa tornou-se importante apenas para alguns cientistas sociais e para alguns poucos teólogos com inclinação ecumênica. Essa carência de in-

formação tornou-se deletéria a partir do momento em que o fenômeno do crescimento evangélico passou a tomar proporções surpreendentes, sobremaneira nas últimas duas décadas.

Em contrapartida, os constantes embates travados e as perseguições sofridas, a necessidade de expansão e de construção da identidade em condições minoritárias, fez com que a mesma distorção se instalasse no domínio das Igrejas evangélicas. Arraigou-se uma modalidade de anticatolicismo que facilmente apela para estereótipos e caricaturas distanciadas da realidade histórica. Por tudo isso, nos círculos ecumênicos, muitos esforços têm sido dispendidos no sentido de se preencherem essas lacunas; geradoras de graves preconceitos no interior das agremiações eclesiásticas existentes no campo religioso brasileiro.

Portanto, deseja-se o diálogo ecumênico entre as Igrejas históricas e o pentecostalismo, isso deverá implicar em dois empreendimentos simultâneos: um investimento substantivo na disseminação e na troca de informações acerca das realidades teológicas, pastorais, litúrgicas, doutrinárias, históricas e afins dessas tradições religiosas; uma dose maciça de generosidade de ambas as partes envolvidas, para que se possam superar os traumas do passado remoto e recente, sobremodo por meio da convivência.

#### SOBRE PERSEGUIDOS E PERSEGUIDORES

Vale colocar em relevo que o crescimento acelerado do pentecostalismo - cujas evidências estão muito bem apresentadas no texto do rev. Gondim - tem provocado uma curiosa inversão. As mesmas posturas arrogantes do catolicismo romano no passado, estão relegando a um plano secundário a aproximação fraterna com as igrejas históricas, hoje confinadas a uma condição minoritária. Esta seria mais uma motivação que torna o diálogo imposterável.

Em muitas partes do Brasil no passado recente, os evangélicos foram sistematicamente perseguidos e hostilizados em campanhas lideradas por sacerdotes católicos. Existem inumeráveis episódios dessa natureza e depoimentos nesse sentido que acabaram por ser incorporados à história do Protestantismo brasileiro. Na atualidade, o que se vê são as hostilidades protagonizadas por segmentos evangélicos contra as instituições católicas e suas lideranças. Nesse quadro não faltam também as retaliações de ambas as partes. O Pentecostalismo Autônomo, por seu turno, tem se especializado ainda em combater as chamadas religiões afro-brasileiras. A voz corrente é que vivenciamos no Brasil de hoje uma autêntica "guerra santa".

Tudo isso contraria frontalmente os desejos acalentados por muitos, tanto de unidade dos cristãos quanto de coexistência humana entre cristãos e não-cristãos. Dessa maneira, os organismos e entidades ecumênicas entenderam que reafirmar a cooperação ecumênica, além de ser uma opção coerente com o seguimento de Jesus, constituiu-se, em face das adversidades que mencionamos e a despeito delas, num dever profético.

#### DA MATRIZ RELIGIOSA

Sabe-se das causas sociais e culturais que ensejam o acelerado crescimento dos pentecostalismo. A respeito dessa temática muitas matérias qualificadas têm sido escritas e muitas discussões realizadas. Gostaríamos de sublinhar apenas um aspecto ainda pouco trabalhado. Trata-se do que denominamos matriz religiosa brasileira.

Esta matriz seria composta por ingredientes do catolicismo ibérico, da magia européia medieval, das religiões indígenas, das religiões africanas, do catolicismo romanizado e do espiritismo europeu. Esta somatória difusa, porquanto permite uma infinidade de composições, caracteriza a religiosidade e a espiritualidade da média dos brasileiros e brasileiras.

A grande equação que sempre se apresentou para a evangelização em nosso país foi o equilíbrio en-

tre a aproximação e o distanciamento desse a priori religioso. O Protestantismo Histórico adotou a postura de simples rejeição. Referenciado no racionalismo da modernidade, tentou engessar as expressões da matriz religiosa no plano das superstições, como se isto fora suficiente e eficaz.

Os pentecostalismos, por seu turno, reprocessaram a religiosidade e a espiritualidade matriciais, apondo-lhes sinais valorativos. Em outras palavras, ao invés de rejeitar esse sistema de crenças do senso comum, tenta discriminar e organizar aquilo que pertence ao domínio de Deus e aquilo que se situa na jurisdição do diabo. Com isso, a matriz permanece intacta, apenas é realocada dentro de um novo esquema religioso, supostamente bíblico.

Sem maiores aprofundamentos, pode-se afirmar que no Brasil, em todos os tempos, o êxito de uma dada proposta religiosa é diretamente proporcional à sua respectiva aproximação ou distanciamento da matriz religiosa. A discussão é ampla, complexa e fascinante.

#### PARA ALÉM DAS TRADIÇÕES

Nesta altura é pertinente uma observação em tom de questionamento, sobre as distorções verificadas nos pentecostalismos, propagadas principalmente pela grande imprensa. A maioria das acusações

e insinuações que são lançadas aos líderes e às práticas religiosas pentecostais, podem ser aplicadas, em maior ou menor escala, à maioria dos sistemas religiosos conhecidos em nosso campo religioso.

Outrossim, as incursões no campo do poder constituído não significam nada mais, nada menos do que a defesa corporativa dos interesses patrimoniais e financeiros das agremiações eclesásticas mais bem aquinhoadas. Em se tratando de um contexto capitalista, o que deve despertar curiosidade é mais o ritmo em que tais patrimônios foram acumulados do que nos procedimentos defensivos que adotam. Aliás, nesse particular alguma confissão religiosa instituída reúne condições de "atirar a primeira pedra"?

Sabe-se também que um aspecto do novo momento cultural e religioso que vivenciamos é aquele que impõe escolhas religiosas autônomas; melhor dito, as opções religiosas das pessoas encontram-se cada vez menos condicionadas pelas tradições de qualquer tipo. Assim sendo, mais do que nunca, o que se busca são experiências religiosas marcantes, aptas a fornecer, entre outros bens simbólicos, um referencial axiológico objetivo e duradouro. Daí os numerosos relatos (testemunhos) de experiências de conversão, por meio dos quais as pessoas transformam significativamente as suas relações

em todos os níveis, alcançando assim melhor qualidade de vida psíquica, religiosa, cultural e política.

Neste particular, os pentecostalismos têm se mostrado bastante eficientes, a ponto de serem entendidos por alguns como a grande opção religiosa dos empobrecidos dos níveis nacional e continental. Por sinal, estão até sensibilizando e mobilizando amplos segmentos das camadas intermediárias, também eles em processo de pauperização.

#### PROPOSTAS E RESPOSTAS

Se pudéssemos sintetizar a proposta religiosa dos pentecostalismos, sem os preconceitos recorrentes, diríamos que ela se resume à cura, em sentido integral. Em primeiro lugar a cura interior, por meio de uma aproximação direta com o sagrado. Em segundo lugar a cura dos corolários danosos das condições anômicas em que vive nossa sociedade.

Por outro lado, caso pudéssemos sintetizar a proposta das Igrejas históricas, diríamos que ela poderia ser resumida no anseio pela justiça, em sentido amplíssimo. Movidas pela responsabilidade social, as Igrejas históricas tiveram papel relevante no empenho em favor dos direitos humanos.

Para citar apenas exemplos mais conhecidos: as intervenções no período de vigência dos regimes

de segurança Nacional em nosso subcontinente; a participação na luta pela independência e contra o apartheid na África do Sul; bem como na campanha pelos direitos civis nos Estados Unidos.

Nas últimas décadas pudemos encontrar, imbuídos da solidariedade proveniente da fé, cristãos de todos os matizes confessionais dispostos a arcar com todo os riscos, engajados na luta em favor da paz e da justiça em todas as partes do mundo. E isto pode ser o terreno comum a partir do qual cristãos de diferentes procedências podem encontrar as motivações teóricas e práticas para uma cooperação fraterna e conseqüente.

Afinal, em princípio, o que todos desejam é sinalizar o Reino de Deus em meio à história humana, mesmo que os caminhos para esse testemunho concreto sejam efetivados por trilhas diferentes e, aparentemente, inconciliáveis.

Não queremos com isso minimizar as diferenças profundas entre os pentecostalismo e as Igrejas históricas, às quais por sinal, o texto do Rev. Gondim concede destaque. Desejamos apenas contribuir; ainda que modestamente, para que o diálogo se realize, a aproximação se concretize e a cooperação se torne real. Para tanto, acreditamos que seja imprescindível tanto desbastar os preconceitos, quanto apontar soluções criativas para a superação dos impasses. E tudo isso para obedecer ao preconceito bíblico, isto é, "para que o mundo creia"!

Rev. José Bittencourt Filho é Mestre em Ciências da Religião, Pastor Presbiteriano, e integra a equipe de KOINONIA - RJ. End.: Rua Santo Amaro, 129 22211-230 Rio de Janeiro - RJ

## CONCLUSÃO

### PISTAS PARA DIÁLOGO E ATUAÇÃO PASTORAL

Entendemos que o diálogo com os pentecostais deve ter como ponto de partida a aceitação e o reconhecimento da riqueza das diferenças. Para que torne possível o diálogo, é necessário questionar a atitude de competição decorrente da nossa vontade de reconquistar espaços no campo religioso. Não podemos esquecer que a pluralidade de manifestações faz parte do CORPO de Cristo e oportuniza a democracia.

Constatamos que a compreensão dos diversos ramos do pentecostalismo brasileiro, desprovida de preconceitos, nos ajuda a entender nossas próprias identidades eclesiais. É no conhecimento do outro e no diálogo com ele que podemos saber quem somos. Assim, ao aproximarmos de outras formas de expressão da fé cristã, redescobrimos a riqueza das diversas identidades religiosas, na perspectiva de que cada uma possa contribuir com seu jeito e seu carisma para expressar as múltiplas formas da graça de Deus.

Também reafirmamos no Seminário que a aproximação do fenômeno pentecostal, destituída de falsos juízos, interpela nossas Igrejas em sua atuação pastoral. Leva-nos a perceber com clareza o quanto é importante em nossas Igrejas continuar a insistir na constituição de comunidades vivas, acolhedoras e fraternas. Desafia-nos a buscar novas propostas litúrgicas que possibilitam intensa experiência de acesso pessoal e comunitário ao Deus vivo, fonte de alegria e de graça. Convoca-nos a assumir, cada vez mais e com maior abertura, a cultura de nosso povo e suas formas características de expressão religiosa.

Nesta perspectiva, frisamos que a lógica competitiva do mercado, que também se manifesta em nosso meio, poderá fazer sucumbir o ministério da graça de Deus.

Pautamo-nos pela eficácia não produtivista, descartando a ansiedade por eficiência a qualquer custo. Cremos que o dom de Deus vindo a nós em Cristo nos capacita a produzir o fruto do Espírito que opera a Santificação.

## A PNEUMATOLOGIA E SUA INFLUÊNCIA NA TEOLOGIA E NA VIDA DA IGREJA

*Pe. Dr. Beni dos Santos*

No Ocidente sempre houve um desequilíbrio, em nível de consciência eclesial, entre a missão do Filho e a missão do Espírito. Esta jamais foi negada, mas não compreendida e sublinhada convenientemente. Basta comparar o desenvolvimento da cristologia com o desenvolvimento da pneumatologia para logo se perceber o desequilíbrio. A doutrina sobre Cristo foi desenvolvida em todos os seus aspectos, enquanto que a reflexão teológica sobre o Espírito Santo foi realizada de modo um pouco rudimentar e difuso pelos diversos tratados de teologia. Na vida cristã predominaram, de modo geral, imagens e idéias imprecisas sobre o Espírito Santo. Este desequilíbrio não corresponde aos dados da Sagrada Escritura. Ali encontramos tanto o anúncio da vinda do Messias quanto o anúncio da vinda do Espírito escatológico. O Novo Testamento registra tanto a missão do Filho quanto a missão do Espírito, atribuindo a ambas igual valor e importância na história da

salvação. Ora, a teologia, enquanto compreensão da fé, deve estar fundamentada nessa dupla missão. Uma teologia que sublinha mais uma missão do que a outra torna-se unilateral e seu reflexo na vida da Igreja deixa sempre alguns vazios. Foi pois com razão que o Padre Comblin, num artigo escrito em 1975, observa: "A nossa teologia padece de um desequilíbrio crônico e até agora sem remédio"<sup>1</sup>. Ora, sem uma perspectiva pneumatológica, até a compreensão teológica do evento Cristo fica sacrificada, pois não se pode compreender convenientemente esse evento sem a ação do Espírito. O dom do Espírito é um pressuposto da encarnação. Jesus foi gerado e formado pelo Espírito Santo<sup>2</sup>. No momento do batismo, ele tornou-se Cristo, o ungido pelo Espírito e introduzido em sua missão messiânica<sup>3</sup>. Foi impelido pelo Espírito ao deserto a fim de preparar-se para o seu ministério<sup>4</sup>. Pela força do Espírito, vence as tentações que atigem a sua missão messiânica: usar o po-

1. REB, v. 35, fasc. 138 (junho de 1975) 289-325.

2. Cf. Lc 1,35; Mt 1,18,20.

3. Cf. Lc 3,22; 4,18.

4. Cf. 4,1.